

capa

The background of the cover is a detailed black and white architectural drawing of a classical archway. The arch is supported by a column and features intricate carvings and moldings. A vibrant rainbow flag is draped across the arch, with its colors (red, orange, yellow, green, blue, purple) rendered in a soft, painterly style. The flag's stripes are slightly blurred, giving it a sense of movement. The overall composition is centered and balanced, with the text overlaid on the arch's opening.

Dinâmicas e processos de transformação urbana em Milão

finalmente um “gay district”?

Giuliana Costa
Andrea Barcellési

RESUMO

Este artigo percorre os processos de transformação e ressignificação do “Lazzaretto”, porção do bairro de Porta Venezia em Milão, lidos através da lente específica da estratificação e das mudanças do seu tecido comercial que desde sempre influenciaram as modalidades de uso do espaço público, os conflitos que nele se geram, assim como sua colocação no imaginário urbano. Ilustra-se a história desta área como lugar de recepção de importantes fluxos migratórios e da consequente pluralização da oferta comercial multiétnica. São descritas as linhas de desenvolvimento desta zona como lugar da *movida* relacionada ao *loisir* noturno com a emersão de novos bares e restaurantes, típicos das formas de consumo pós-moderno, e como “espaço de visibilidade” das subjetividades LGBT+. O artigo baseia-se numa extensa pesquisa empírica, que foi desenvolvida através de observações de campo e de mapeamentos, de entrevistas com comerciantes e interlocutores privilegiados, além da análise de matérias e editoriais publicados em jornais e de publicações heterogêneas dedicadas a um público LGBT+.

Palavras-chave: Milão; Lazzaretto/Porta Venezia; Bairro multiétnico; *Food* pós-moderno; Gay district; *Movida*; Comércio LGBT+; Visibilidade homossexual.

ABSTRACT

This article retraces the transformation and re-signification processes of the “Lazzaretto”, part of the Porta Venezia district in Milan. They are read through the specific lens of the stratification and changes of its commercial fabric, aspect that have always influenced the way in which the public space is used, its conflicts and image. Place of “landing” and settlement of diverse migratory flows through out the last decades the area is now emerging as a “gay district” of the city, an area of nightlife and *movida* linked to evening and nighttime *loisir* connected to postmodern to new bars and restaurants. In this sense it is turning to be a space of “LGBT+ visibility” in fieri. The article is based on extensive empirical research carried out through observations and mappings, interviews with different kinds of informants as well as on the analysis of newspaper articles and heterogeneous publications dedicated to LGBT+ groups.

Keywords: Milan; Porta Venezia/Lazzaretto; Multiethnic neighborhood; Postmodern food; Gay district; Nightlife/*movida*; LGBT+ commercial activities; Homosexual visibility.

INTRODUÇÃO

“Há poucos anos, Porta Venezia era o bairro africano de Milão. Em particular, era, e por certos aspectos continua sendo – o bairro onde etíopes e eritreus abriam bares e restaurantes e onde os milaneses podiam provar alguns pratos de sabores fortes. Hoje, além disso, os visitantes de Porta Venezia são acolhidos por uma explosão de cores e pela vontade de ter um lugar onde a comunidade LGBT milanesa pode se juntar. Certamente, o mérito é de alguns bares que foram abertos e conseguiram transformar-se em pontos de referência para uma ‘inteira comunidade’”¹.

É assim que o blog *Gayly Planet* explica as mudanças do bairro de Porta Venezia em Milão, lugar que assistiu a uma sobreposição de numerosos grupos étnicos ao longo dos anos e hoje vive um processo de ressignificação, sendo vendido também como zona do *loisir* e da *movida* LGBT+². Porta Venezia acaba de ser eleito – em outubro de 2020 – um dos quarenta bairros mais *cool* do mundo pela revista *Time Out*³. As contínuas metamorfoses de suas atividades comerciais favorecem sua reinterpretação, assim como a chegada de *city users* e da nova classe criativa (Florida, 2002), com suas diferentes práticas de uso do espaço e de diferentes modelos de consumo. O comércio e o consumo são duas dimensões importantes para a compreensão das transformações em curso num fragmento de cidade, já que por um lado são vistos como um espelho da renovação social do bairro, e, por outro, são identificados como agentes ativos das transformações (Favarelli, Clerici, 2012; Zukin *et al.*, 2009).

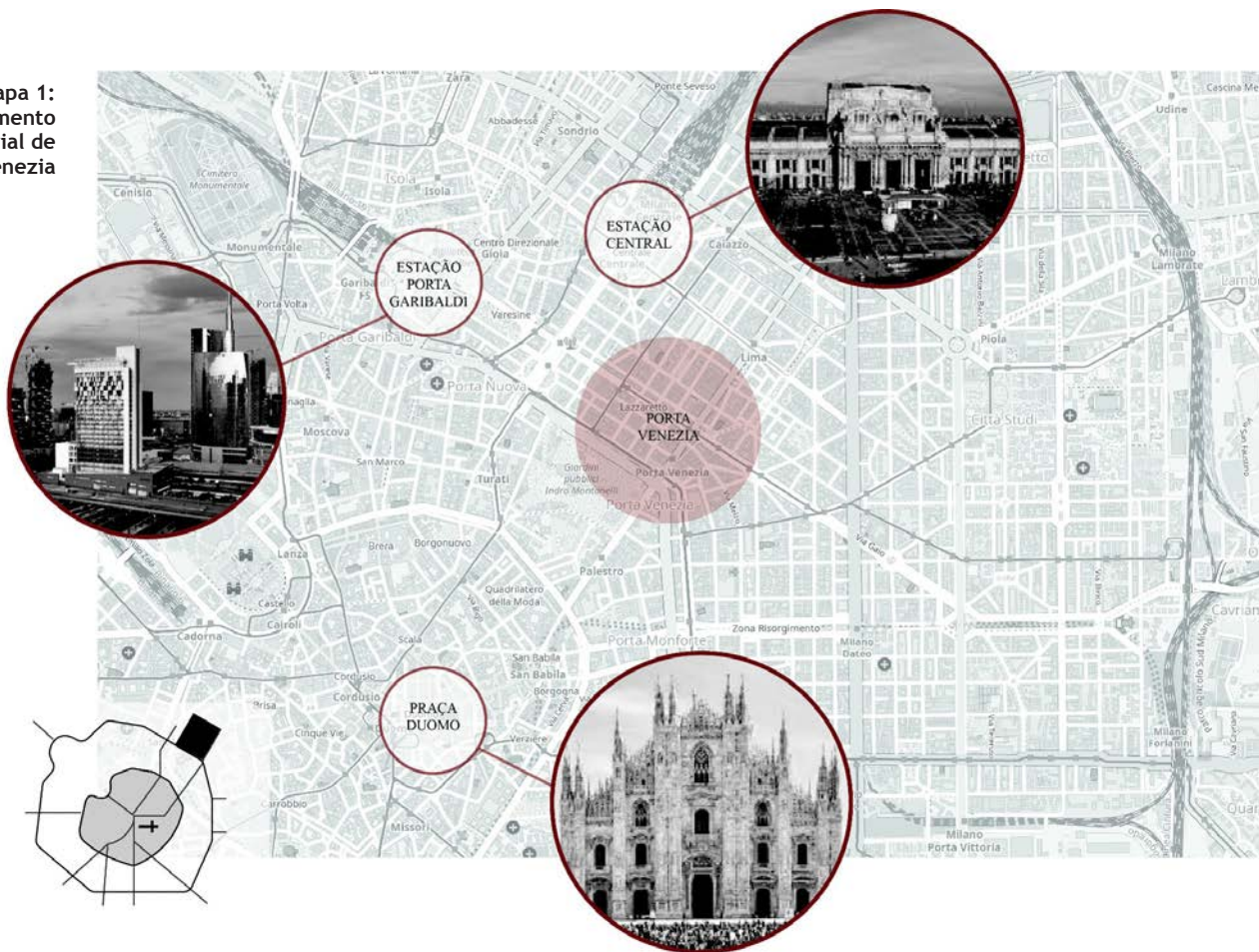
Neste artigo, questionamos a atual identidade híbrida e as múltiplas representações de uma porção ampla do bairro chamada “Il Lazzaretto”, como êxito de um processo de estratificação e de mutação ainda em ato, e que, graças a processos diversos, está se constituindo como “*gay district*” (Ruting, 2008) da cidade. Trata-se de um lugar de maior visibilidade dos corpos, um espaço urbano em que vige (em certas faixas horárias, como explicaremos) uma suspensão da heteronormatividade. Em particular, perseguimos as dinâmicas que fizeram com que neste pedaço de cidade, lugar tradicional de “trocas e encontros” (Cologna *et al.*, 1999, p. 154), se desenvolvessem no-

1 <https://wearegaylyplanet.com/italia/il-quartiere-gay-di-milano-alla-scoperta-di-porta-venezia/>

2 O acrônimo significa lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, e o signo + abre a outras categorias ou expressões de gênero como pessoas intersexuais ou *queer*.

3 <https://www.timeout.com/coolest-neighborhoods-in-the-world>.

Mapa 1:
Enquadramento
territorial de
Porta Venezia



vas vocações, que reconhecem, acolhem e valorizam a diversidade (Barberis *et al.*, 2017), em especial modo, aquelas sexual e de gênero.

Aqui apresentamos os resultados de uma pesquisa empírica iniciada em 2018 e retomada em 2020. Em ambas as fases, realizamos numerosas observações de campo e entrevistamos treze comerciantes e cinco outros interlocutores privilegiados para compreender como e em qual direção o bairro está se transformando. A pesquisa também se baseia em leituras de artigos de jornais (locais e nacionais), blog e sites – incluindo materiais dedicados a grupos LGBT+⁴ – publicados ao longo dos últimos vinte anos (de 2000 a 2020), o que nos permitiu reconstruir o reposicionamento – no debate e no imaginário público – da área, de “bairro étnico” (Marzorati, Quassoli, 2012) a “gay district” (Ruting, 2008) da cidade e lugar de diversão noturna.

No próximo parágrafo descrevemos as características puramente espaciais da zona do estudo. Su-

cessivamente, ilustramos as ondas de imigração que atingiram essa área e as dinâmicas da presença comercial estrangeira que, como será demonstrado, trouxe consigo os mais recentes conflitos espaciais. Por último, mostramos os processos de transformação do comércio e as políticas que facilitaram a emergência de Porta Venezia como um bairro gay de Milão, o que também trouxe muitas tensões na frequência do mesmo. Nas conclusões, amarramos os fios da pesquisa com algumas considerações sobre o lugar do *loisir*, principal zona LGBT+ e bairro multiétnico de Milão.

ACENOS SOBRE PORTA VENEZIA E O LAZZARETTO

A área de concentração da pesquisa encontra-se a nordeste de Milão. Trata-se de uma zona central, distante apenas 2 km da praça do Duomo, junto às homônimas muralhas de Porta Venezia (Mapa 1). O Lazzaretto, que tem uma história plurissecular,⁵ atu-

⁴ A pesquisa foi feita consultando as seguintes fontes: Sparta-cus *gay guide Milano-Lombardia*, magazine *Pride estate* 2018, Pridemagazine.it, Patroc *Gay Milan Guide 2020*, Gaymilano.net *locali, bar e disco gay e gay-friendly di Milano*, gay.it *Milano gay friendly 2020*, gaylyplanet *Locali gay di Milano: guida 2020*.

⁵ O Lazzaretto de Milão, na sua origem, era um recinto quadrilátero que se situava um pouco fora das muralhas da cidade, nos arredores da porta oriental, e funcionava como um ambiente de internação durante as epidemias surgidas entre

almente é caracterizado por uma malha ortogonal com uma elevada densidade demográfica, que compreende vinte quarteirões de forma regular quadrada, com exceção dos oito debruçados sobre a avenida Tunisia (importante artéria urbana que o atravessa longitudinalmente), que são retangulares e de dimensões reduzidas. A malha se caracteriza por ruas estreitas e de mão única, com calçadas em ambos os lados, exceto nas ruas perimetrais do bairro e da avenida Tunisia. A área é caracterizada por uma ausência praticamente total de espaços públicos abertos e de verde urbano, com exceção de uma pequena praça numa esquina do Lazzaretto e uma outra central, na qual existe uma igreja construída no século XV.

UMA CASBAH NA CIDADE

A gênese do bairro de Porta Venezia e do Lazzaretto se relaciona a contínuas ondas migratórias. Um primeiro assentamento de imigrantes aconteceu entre os séculos XIX e XX, com a chegada de populações das zonas rurais e dos montes lombardos. Sucessivamente, a partir dos anos 1960, os fluxos partiram do sul da Itália. A partir dos anos 1970, estabeleceram-se os primeiros grupos originários da África, em particular, da Eritreia e da Etiópia. A intensificação da guerra civil na Eritreia fez com que chegassem grupos de população de países pobres da África. Naqueles anos, o bairro recebe o apelido de *casbah*⁶ em uma referência pejorativa a um processo de mutação ligado a um frequente aumento multietnicidade da população ali flutuante⁷. Nos anos 1970, o bairro viveu uma nova fase de migração caracterizada pela chegada de grupos originários de uma realidade geográfica mais ampla, incluindo a Ásia e a América Latina (Granata, Novak, 1999).

Por décadas, o Lazzaretto (e em geral Porta Vene-

o fim do século XV e o começo do século XVI. A sua forma permaneceu a mesma até o fim do século XIX, quando foi demolido e loteado. Foram realizadas habitações de morfologia compacta e densa, destinadas à classe média baixa, exceção feita para as casas de maior valor, nos eixos externos.

6 Termo usado com frequência pela mídia até hoje: <https://milano.repubblica.it/dettaglio/milano-se-la-casbah- adesso-fa-paura/1646771/2> (2009); <https://www.milanopost.info/2015/10/02/porta-venezia-viaggio-nella-qasba-degli-eritrei/> (2015); https://rep.repubblica.it/pwa/locali/2020/05/16/news/strade_vuote_a_porta_venezia_tra_voglia_di_normalita_e_crisi_ecco_l_anima_divisa_della_casba-256791830/?ref=search (2020).

7 As transformações são descritas na resenha de imprensa da época: *"I nordafricani di Porta Venezia"*, (1981) http://www.archiviola stampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/mod,libera/action,viewer/Itemid,3/page,3/articleid,1055_02_1981_0285_0003_24060061/.

zia) foi alvo da chegada de populações estrangeiras, assumindo a imagem de bairro multiétnico, caracterizado pela comum coexistência espacial e social da população italiana e de pessoas provenientes das demais partes do mundo (Cavenago, 1989; Cologna et. al., 1999, Motta, 2005). A área se caracterizava pela presença de residências e lojas de pequenas dimensões com aluguéis a preços acessíveis, aspecto que, como veremos mais adiante, influenciou a presença estrangeira e as múltiplas imagens da área. Os elementos específicos dessa conotação étnica não devem, entretanto, ser procurados nas populações residentes, mas, sim, na modalidade de apropriação dos espaços do comércio e nas formas de uso do espaço público. A sua atratividade para as populações migrantes está ligada a uma pluralidade de fatores. O primeiro é a proximidade com a Estação Central (a mais importante da rede ferroviária da cidade e da inteira Lombardia), aspecto que favoreceu uma “ampla disponibilidade de acomodações econômicas de aluguel e a presença de pensões e hotéis de uma ou duas estrelas e quartos mobiliados” (Cologna et al., 1999, p. 154), facilitando a inserção dos recém-chegados. As estações ferroviárias, sinônimo de acessibilidade, são, quase sempre, fonte de concentração de estrangeiros nas suas zonas limítrofes, assim como de serviços dedicados a eles (Gentileschi, 2004). O segundo fator deve ser procurado, efetivamente, em algumas instituições ali presentes: os escritórios da Confederação Italiana dos Sindicatos dos Trabalhadores (CISL), do Sindicato dos Inquilinos (SICET) e o do Departamento de Estrangeiros do Município de Milão. Elas representam um ponto de referência para uma comunidade estrangeira maior do que aquela residente no bairro, atraindo atividades comerciais de apoio e de suporte aos usuários da zona e gerenciadas por imigrantes.

Isso favoreceu o enraizamento de novos grupos, redefinindo o sentido e as modalidades de uso de alguns espaços, modificando-os “segundo formas que têm a ver com o passado deles”, “com o contexto que os hospeda”, “mas quase sempre segundo formas novas com relação a ambos” (Granata, Novak, 1999, p. 125).

O estabelecimento nos anos 1970 da comunidade Eritreia e Etíope levou à abertura das primeiras atividades comerciais administradas por estrangeiros. Tratava-se do bar *Ethiopia* e de restaurantes como o *Asmara*, comércios que já fecharam, ou do *Addis Abeba*, ainda em atividade. A esses juntaram-se as lojas de roupas, de artesanato e de alimentos e, sucessivamente, de cabelereiros, aluguel de videocassetes, serviços de consultoria para pessoa física e empresas. O sucessivo incremento de atividades



Foto 1:
uma vitrine
do Krishna
Indian Bazar

gerenciadas por estrangeiros deve ser compreendido, sobretudo, pela troca de molduras institucionais com a lei 40/1998, que previa a concessão da permissão de estadia para trabalho autônomo a cidadãos estrangeiros na Itália (Martinelli, 2002). Graças a sua implementação, os lugares do comércio étnico quase que dobraram entre 1998 e 2004, como foi colocado em evidência através de diversos estudos (Cologna *et al.*, 1999; Motta, 2005), dando vida a uma pluralização dos setores envolvidos com a presença de lojas de importação-exportação, telefonia internacional e agência de viagens especializadas. As conotações étnicas do bairro formaram-se graças às características do tecido comercial que gradualmente ia se desenvolvendo, com seus empreendedores estrangeiros, com uma nova visibilidade das vitrines, letreiros e publicidades e com a presença de novos usuários (Foto 1).

Essa realidade, constituída ao longo de algumas décadas, chegou em 2000 à sua máxima expansão. Com os anos de 1990, as dinâmicas no bairro modificaram-se com a abertura de lojas por parte de administradores asiáticos e sul-americanos e, desde o começo de 2000, com novas empresas gerenciadas por italianos. Restaurantes exóticos e lojas de artesanato com administração italiana (Granata *et al.*, 2003) mostravam um novo registro comercial étnico, que, aproveitando-se de letreiros e nomes atraentes, importavam no bairro uma “cenografia” para novos *users* (Semi, 2004, 2015), fenômeno ofuscado, suces-

sivamente, pelas novas ondas de imigração.

Entre 2013 e 2018, de fato, chegaram ao bairro milhares de imigrantes que ali “transitavam” (por isso chamados “*Transitanti*”, em italiano), a maioria formada por eritreus em fuga de seu país de origem, refugiados que paravam na cidade por pouco tempo, com a intenção de prosseguir viagem em direção ao norte da Europa (Costa, 2017). Aqui procuraram apoio por parte dos conterrâneos, vivendo em condições higiênicas precárias: muitos dormiam nos canteiros das muralhas de Porta Venezia, provocando uma forte sensação de insegurança, gerando uma situação de convivência difícil com os residentes e com os comerciantes, que os viam como uma ameaça ao bairro e às suas atividades, como demonstram muitos artigos na seção de crimes dos jornais locais⁸. Os protestos iniciais levaram a polícia e a empresa de coleta de lixo a intervir para afugentá-los e remover seus bens em diversas ocasiões. A impressão de ausência de segurança acabou resultando, em julho de 2014, na criação de um grupo de rondas em nome da Asscomm Porta Venezia (um grupo de comerciantes e

⁸ Ver os seguintes artigos publicados entre julho 2014 e setembro 2017: <https://www.ilgiornale.it/news/milano/stranieri-miseria-e-violenza-ecco-volto-porta-venezia-1036113.html>, <https://www.ilgiorno.it/milano/cronaca/profughi-porta-venezia-1.1362692>, <https://www.milanopost.info/2017/09/24/milano-si-salva-solo-il-centro-storico-nelle-zone-con-piu-immigrati-crolla-il-valore-delle-case/>.

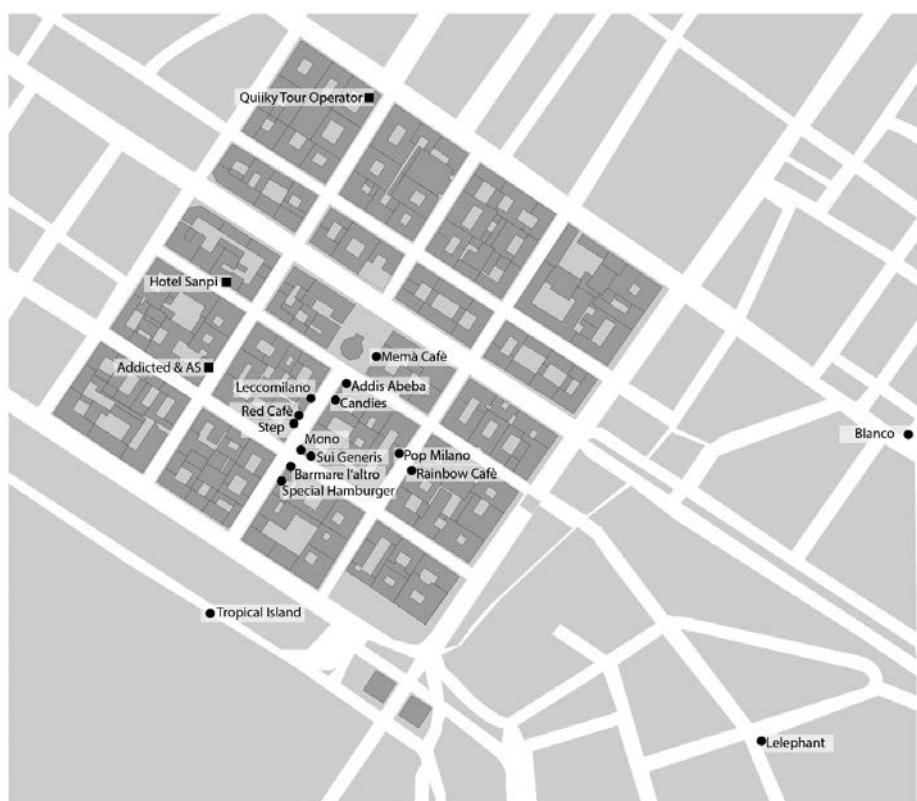
residentes da zona), que declarou a vontade de intervir quer contra a presença dos imigrantes, quer contra os excessos da *movida*⁹, fenômeno em aumento desde 2010, emerso como “problema” pela primeira vez em ocasião daquele protesto. Os grupos de ronda foram contestados pelo governo municipal, que convidou as associações do bairro a se dissociarem publicamente dessa iniciativa¹⁰.

“GAY DISTRICT”, NOVA VOCAÇÃO PARA PORTA VENEZIA E O LAZZARETTO

Nos últimos anos, o comércio do Lazzaretto tem vivido uma posterior transformação que se desenvolveu através de dois processos simultâneos e, por muitas razões, convergentes, como revela nossa pesquisa de campo. O primeiro diz respeito ao reposicionamento da área como novo bairro do *loisir*, com uma forte vocação para o *food*, uma das categorias identificáveis do consumo pós-moderno (Favarelli Clerici, 2012), que compreende bar, restaurante, *pub* e locais noturnos¹¹. O quadrilátero do Lazzaretto, atualmente (julho de 2020), hospeda 153 lojas de *food*, das quais, 58 são comércios tradicionais, e 95 (quase o dobro), de *food* pós-moderno. A forma na qual elas se apresentam é um sinal de renovação do que chamamos “gramática comercial”: uma nova linguagem, uma diferente modalidade comunicativa que apresenta novos letreiros, materiais, cores, técnicas expositivas, interior design e decoração, e estabelece uma relação com as ruas, criando uma paisagem heterogênea.

O segundo processo está relacionado com a instalação de uma oferta comercial LGBT+, principalmente de *food* (Mapa 2), chegando a definir a área como um importante ponto de referência, sobretudo

do para a comunidade gay de homens da cidade, e como um espaço que atrai grandes fluxos de clientes. Outras áreas tinham sido atingidas, sem sucesso, pela concentração de atividades comerciais LGBT+, como a avenida que percorre paralela aos trilhos da estação Central de Milão. Em 2014, a prefeitura de Milão mostra, pela primeira vez, interesse em relação à comunidade LGBT+, tendo em vista a Expo 2015, na tentativa de apresentar e reinventar (em ótica promocional) áreas pré-existent de concentração LGBT+ para favorecer uma imagem *gay friendly* da cidade. Existia, sim, um “quadrilátero gay”¹² ao redor da Estação Central, mas a área não tinha uma clara geografia, nem uma atração marcada por novos *city users*.



Mapa 2: Bares LGBT+ em Porta Venezia

Assim, a área de Porta Venezia substituiu as precedentes áreas LGBT+ da cidade graças ao *Milano Gay Pride* e à abertura de novos bares e restaurantes. O *Pride*, o mais importante evento de expressão política e de militância queer em oposição à heteronormatividade (Oswin, 2008; Soggiu, 2015; Bell, Binnie, 2004; Dacanay, 2011; Hubbard, 2001), constituiu um importante incentivo. O bairro sempre foi envolvido no *Pride*, porque ali se concluía o

9 https://milano.repubblica.it/cronaca/2014/07/15/news/milano_il_comune_contro_le_ronde_i_cittadini_di_porta_venezia_non_facciano_i_poliziotti-91674106/.

10 http://www.z3xmi.it/pagina.phtml?id_articolo=6889-No-alle-ronde-private-a-Porta-Venezia.html.

11 As outras categorias do consumo pós-moderno são *fashion*, *body-care* e *home* (Ley, 1996; Bridge e Dowling, 2001; Favarelli e Clerici, 2012).

12 <http://www.grillini.it/OLD/rss-principale/item/442-nasce-la-gay-street-di-expo-diventer%C3%A0-meta-turistica.html>



Fonte: Andrea Barcellesi

Foto 2:
O bar-lanchonete
Addis Abeba

seu desfile (depois de ter percorrido toda a cidade) e porque ali permaneciam aqueles que, ao final da passeata, iam aos bares e restaurantes para beber e comer. Tratava-se, todavia, de uma presença efêmera. Desde 2013 o trajeto do *Pride* foi modificado, partindo da Estação Central para terminar nas muralhas de Porta Venezia. O objetivo dessa mudança era transformar o *Pride* em uma verdadeira “festa de bairro” (como nos contaram), uma ocasião para que os participantes permanecessem ali mais longamente, graças também aos dois eventos àquele associados, o *Pride Week*, que anima por uma semana os espaços da cidade, e o *Pride Village*, que ocupa por três dias as ruas do bairro¹³.

Quanto à dinâmica de desenvolvimento de atividade LGBT+, percebe-se como esta foi acelerada pela atratividade da zona, que se caracteriza pela centralidade e pela acessibilidade dos valores de aluguel (até dois/três anos atrás). O primeiro “club” LGBT+ aberto em Porta Venezia, em 1999, foi o *Elephant*, ao lado oposto do Lazzaretto, um bar de aperitivos e *after dinner*, frequentado por uma clientela de perfil socioeconômico médio a médio-baixo, e que fechou somente em 2017. Em 2007, abriu-se o *Mono*, de propriedade gay; o ambiente sofisticado, tipo anos 1960-70, atraiu um novo *target* de usuários, com

13 Em 2020, o *Milano Gay Pride* foi realizado virtualmente, já que a Itália, assim como outros países, estava em *lockdown*, como efeito das políticas de combate à difusão do COVID-19.

uma clientela médio alta, definida pelos nossos entrevistados como “*radical chic*”, diversa dos frequentadores do *Elephant*. No ano seguinte, abriu-se o *Blanco*, um *cocktail bar* frequentado por gays, e em 2009 foi inaugurado o *Chiringuito Tropical Island*, que às quintas-feiras organizava a noite “Chiringay”. Num segundo momento, o *Elephant* começou a perder clientes em favor do mais procurado *Mono*, e o cruzamento no qual se localizava tornou-se um lugar de parada obrigatória e de socialização, graças aos novos bares, entre eles o *Red Café* (*gay friendly*). Em 2014 abriu o *Leccomilano – Un Buco di bar*, lugar gay dedicado a uma clientela mais jovem, que reanimou o panorama LGBT+ já consolidado e a *movida* que, como ilustramos, torna-se a partir deste ano um fenômeno conflitivo. Em 2014 foi aberto o *Indaco*, um restaurante e *lounge bar* de propriedade gay, já fechado, com um *target* gay médio-alto, profissionais que trabalham no ambiente da moda e do design. Estavam-se formando as bases do processo que, em uma década, levaria à abertura de sete bares gay e sete *gay-friendly* relacionados à categoria do *food* pós-moderno. Além desses, uma loja de roupas íntimas masculinas, um hotel e uma agência de viagens, que se autodefinem “*gay-friendly*” (Mapa 2). Dessa forma, alguns bares já presentes na zona se inseriram no próspero mercado LGBT+ *friendly* e “aproveitaram” o sucesso desta nova vocação da área. Entre eles, o bar *Addis Abeba* (Foto 2). Administrado por uma família



Foto 3:
Mono, vitral com
o logo do “Milano
Rainbow District”

eritreia, durante o dia atende a uma clientela mista e, à noite, ilumina-se, tornando-se um lugar *friendly*. Outro exemplo é o *Rainbow*, que substituiu o bar histórico *Ethiopia*.

Portanto, é assim que um modesto número de negócios de *loisir* presentes no Lazzaretto provocaram novos fluxos e criaram um espaço-tempo não discriminatório, caracterizado por uma heteronormatividade “suspensa” a partir do entardecer, coroadando a área como “bairro gay milanês” e como uma das zonas de *movida* da cidade. Tal vocação emergente da área criou, por um lado, o mau humor de alguns residentes, ao ponto de estes formarem, em 2017, um comitê *antimovida*¹⁴. Em contrapartida, ela foi suportada por interesses que se organizaram: no mesmo ano, alguns empreendedores gays de Porta Veneza deram vida ao “*Milano Rainbow District*” (Foto 3). Com o objetivo de reunir os comerciantes de atividades LGBT+ *friendly* do bairro e, assim, promover iniciativas adequadas ao relançamento da frequentação das ruas do *Pride week* durante o ano inteiro¹⁵, este grupo de comerciantes buscaram tam-

bém se apresentar como sujeito único da interlocução com o bairro, a cidade e a administração municipal, levando em consideração, entre outros fatores, a dimensão cada vez mais conflituosa da movida.

Que papel tiveram as políticas públicas neste progressivo reconhecimento da área como “*gay district*”? Apesar de Milão concentrar cerca de um terço dos bares gays masculinos da Itália (Albertini, 2019), sua administração não parece, daquilo que resulta da nossa pesquisa, ter compreendido todas as suas potencialidades no plano das políticas de marketing territorial, mesmo sendo a cidade uma das mais inclusivas do país, junto com Roma (Corbisiero, Monaco, 2017). Como acima relatado, o interesse do governo municipal pela comunidade LGBT+ expressou-se timidamente na ocasião da Expo 2015¹⁶, mas até hoje não parece ter tido uma significativa exposição pública, ainda que o município tenha suportado o *Pride* por muitos anos do ponto de vista logístico, como nos explicaram alguns entrevistados. A transformação do bairro foi em realidade favorecida por

14 Ver artigo no link: https://milano.repubblica.it/cronaca/2016/10/22/news/milano_gay_movida-150325687/, em que se mostra uma realidade que se parece com a situação atual.

15 Durante o evento Fuori Salone da *Milano Design Week* 2018, realizado com o patrocínio da municipalidade, o *Milano Rainbow District* promoveu eventos ligados ao food design,

representando a conotação do bairro e organizou uma mostra sobre Elio Fiorucci: <https://www.vogue.it/news/appuntamenti-eventi/2018/04/16/salone-del-mobile-2018-rainbow-district-milano-elio-fiorucci>.

16 A Exposição Universal ocorreu entre o primeiro de maio e o 31 de outubro de 2015 em Milão. A cidade venceu a competição de atribuição contra Esmirna em 2008 e depositou o dossier final de candidatura em 2010.

intervenções públicas no espaço urbano que melhoraram sua estética e sua usabilidade, dando assim impulso à abertura de novos bares. Em 2013, criou-se uma “zona 30” de mobilidade lenta¹⁷, abrangendo todas as ruas internas no Lazzaretto, o que permitiu, sucessivamente, em 2015, o posicionamento nelas de *dehors*, ainda que muito estreitas.

PORTA VENEZIA HOJE: UM BAIRRO MULTICULTURAL COM VÁRIAS TENSÕES

O Lazzaretto é uma realidade em forte mutação. Aqui avaliamos as transformações que ocorreram e que estão acontecendo através do tecido comercial, fruto de estratificações múltiplas e ligadas à sua história. O comércio é e foi – neste sentido – ao mesmo tempo seu artífice e seu espelho. Hoje, quem caminha pelas ruas estreitas dessa porção do bairro de Porta Venezia, observa a convivência entre as velhas lojas do lugar, os restaurantes da Puglia, aqueles da Eritreia e da Etiópia, os minimercados e os novos bares gays; atividades identificáveis do consumo pós-moderno ao lado daquelas tradicionais, étnicas ou não, que mantém uma linguagem comercial inalterada. No imaginário urbano e nas representações deste imaginário, restituídas também através da mídia, o Lazzaretto é apresentado como lugar de identidade multiétnica (ou também “*casbah*” para sinalizar negativamente a presença de imigrantes, principalmente àqueles de passagem na cidade), como a nova zona da *movida* milanese e como “*gay district*”. Na realidade, a *movida* acabou por expulsar os migrantes de passagem e outros grupos de sem teto para outras partes da cidade. A identidade de “bairro gay” terminou prevalecendo sobre as outras, constantemente atuais, graças a uma economia que deu uma nova linfa à zona. Trata-se de um “*gay district*” de caráter claramente comercial, especificamente ligado ao *food* e ao *loisir* desde o fim de tarde até a noite funda (principalmente durante a primavera e o verão), onde a clientela invade o espaço público na hora do aperitivo, rito milanês por definição. Ao contrário, durante o dia, tal vocação é muito menos visível, porque os bares estão, em sua maioria, fechados ou têm uma clientela eclética (por idade e *background* étnico). Mesmo não sendo rico de

bares e outras atividades comerciais como o Marais parisiense (Giraud, 2009), o Lazzaretto – bem como outros lugares – está emergindo como lugar da *movida* gay. Nota-se que não se trata do único lugar de vocação comercial LGBT+, já que em Milão existem outras geografias da homossexualidade, entre elas as menos visíveis, como os lugares onde ocorrem encontros sexuais que, entretanto, não estão presentes em Porta Venezia. A identidade LGBT+, agora, tem raízes estáveis, mas está sempre em evolução: observamos como o processo de abertura de vários bares gays, com a evolução do *Pride Milano*, mas também a recente inauguração do bar *Pop*. De propriedade lésbica, em um quarteirão prevalentemente gay, trata-se de um exemplo de como a clientela se diferencia em um lugar em formação. Esta vocação mais recente surgiu no arco dos últimos dez anos, graças às ações *bottom-up* que, em mais de uma ocasião, reuniram novos e velhos atores (associações de ativistas, lojistas e associações dos comerciantes). O reposicionamento do bairro na geografia municipal como lugar do *loisir* LGBT+ foi também fruto de uma tentativa – de sucesso parcial – da administração municipal de se apresentar ao cenário internacional nas proximidades da Expo 2015 como “cidade *gay friendly*”, um *atout* que faz parte das armas do marketing urbano de muitas cidades do mundo¹⁸. Condições que, de qualquer forma, permitiram que Porta Venezia se tornasse uma referência local e supralocal para a comunidade LGBT+, uma zona onde se vive a própria homossexualidade através da visibilidade do corpo, a entender-se como o vetor principal da relação entre o indivíduo e o espaço (Duncan 1996, op. cit. Leroy, 2009). Um lugar então que consente a multiplicação das possibilidades de encontro em algumas faixas horárias, um “*réfèrent géographique*” (Stock, 2006) da identidade espacial homossexual; um lugar caracterizado pela presença visível de não heterossexualidades (Ruting, 2008), uma área considerada segura e atrativa para pessoas LGBT+, sobretudo para homens gays e, sobretudo, ao anoitecer e durante a noite. Trata-se de características que começaram a ser “vendidas” também a *users* não estreitamente locais, como demonstra sua inserção em blogs, revistas e guias turísticos muito diferentes entre si.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Marco. Città gay-friendly? Si può fare

¹⁸ No entanto, o que está em jogo é muito alto, já que, como acontece em outras partes do mundo, trata-se de um segmento de consumo crescente (World Tourism Organization, 2017).

¹⁷ As zonas 30 são áreas da malha viária onde o limite máximo de velocidade é de 30 km/h em vez dos 50 previstos em ambientes urbanos. A menor velocidade permite uma melhor convivência entre carros, bicicletas e pedestres: <https://www.motorbox.com/automagazine/lifestyle-auto/zona-30-allora-a-milano>.

- molto di più. *e&m*, n. 2, p. 42-46, 2019.
- BARBERIS, Eduardo; Angelucci, Alba; JEPSON, RYAN; KAZEPOV, Yuri. **DIVERCITIES: Dealing with Urban Diversity – The case of Milan**, Utrecht: Utrecht University-Faculty of Geosciences, 2017.
- BELL, David; BINNIE, Jon. Authenticating queer space: Citizenship, urbanism and governance. *Urban Studies*, v. 41, n. 9, p. 1807-1820, 2004.
- BRIDGE, Gary; DOWLING, Robyn. Microgeographies of Retailing and Gentrification. *Australian Geographer*, v. 32, n. 1, p.93-107, 2001.
- CAVENAGO, Vincenzo. **Il Lazzaretto. Storia di un quartiere di Milano**, Milano: NED, 1989.
- COLOGNA, Daniele; BREVIGLIERI, Lorenzo; GRANATA, Elena; NOVAK, Christian. **Africa a Milano. Famiglie, ambienti e lavori delle popolazioni africane a Milano**, Milano: Editrice Abitare Segesta & AIM Associazione Interessi Metropolitani, 1999.
- CORBISIERO, Fabio; MONACO, Salvatore. **Città arcobaleno. Una mappa della vita omosessuale nell'Italia di oggi**. Roma: Donzelli editore, 2017.
- COSTA, Giuliana. **Milano: prove d'innovazione sociale nel campo dell'accoglienza dei profughi e richiedenti asilo**. In LODIGIANI, Rosangela (ed.). *Milano 2017 Rapporto Ambrosianum sulla Città, Una metropoli per innovare, crescere, sognare*. Milano: Franco Angeli, 2017.
- DACANAY, Nikos. **Encounters in the sauna: Exploring gay identity and power structures in gay places in Bangkok**. In JACKSON, Peter (ed.). *Queer Bangkok: 21st Century Markets, Media, and Rights*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2011.
- FAVARELLI, Maria, Luisa; CLERICI, Maria, Antonietta. Commercio e gentrification in un quartiere ai margini del centro storico di Milano. *Rivista Geografica Italiana*, v. 119, p. 175-204, 2012.
- FLORIDA, Richard. **The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life**. New York: Basic Books, 2002.
- GENTILESCHI, Maria, Luisa. Centri storici delle città sud-europee e immigrazione. Un nodo di contraddizioni. **Geotema, Organo ufficiale dell'Associazione dei Geografi Italiani**, n. 23, 2004.
- GIRAUD, Colin. Les commerces gays et le processus de gentrification. L'exemple du quartier du Marais à Paris depuis le début des années 1980. *Métropoles*, n. 5, p. 79-115, 2009.
- GRANATA, Elena; NOVAK, Christian. **Immigrazione africana e territorio**. In COLOGNA, Daniele; BREVIGLIERI, Lorenzo; GRANATA, Elena; NOVAK, Christian. *Africa a Milano. Famiglie, ambienti e lavori delle popolazioni africane a Milano*, Milano: Editrice Abitare Segesta & AIM Associazione Interessi Metropolitani, 1999.
- GRANATA, Elena; NOVAK, Christian, POLIZZI, Emanuele, **Immigrazione dall'Asia e trasformazione urbana**. In COLOGNA, Daniele; CROSTA, Marco; GRANATA, Elena (eds.). *Asia a Milano: famiglie, ambienti e lavori delle popolazioni asiatiche a Milano*. Milano: Abitare Segesta, 2003.
- HUBBARD, Phil. Sex zones: Intimacy, citizenship and public space. *Sexualities*, v. 4, n. 1, p. 51-71, 2001.
- LEY, David. **The new middle class and the re-making of the central city**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- LEROY, Stéphane. La possibilité d'une ville. Comprendre les spatialités homosexuelles en milieu urbain. *Espaces et sociétés*, v. 4, n. 139, p 159-174, 2009.
- MARTINELLI, Monica. Immigrati imprenditori: la fotografia di una realtà dinamica. **Camera di Commercio Milano Monza Brianza Lodi**, 2002. Disponível em: <https://www.milomb.camcom.it/immigrati-imprenditori>. Acesso em: 10 junho 2020.
- MARZORATI, Roberta; QUASSOLI Fabio. **Risotto and Zighini? Milano's Lazzaretto between Multiculturalism and Insecurity**. In AYART, Volkan; RATH, Jan (ed.). *Selling Ethnic Neighbourhoods. The Rise of Neighbourhoods as Places of Leisure and Consumption*. New York: Routledge, 2012.
- MOTTA, Patrizia. Il modello insediativo degli immigrati stranieri a Milano. L'evoluzione dei percorsi di inserimento e le nuove spazialità emergenti. *ACME - Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Milano*, v. 58, p. 303-338, 2005.
- OSWIN, Natalie. Critical geographies and the uses of sexuality: deconstructing queer space. *Progress in Human Geography*, v. 32, n. 1, p. 89-103, 2008.
- RUTING, Brad. Economic Transformations of Gay Urban Spaces: revisiting Collins' evolutionary gay district model. *Australian Geographer*, v. 39, n. 3, p.259-269, 2008.
- SEMI, Giovanni. **Gentrification. Tutte le città come Disneyland?**. Bologna: Il Mulino, 2015.
- SEMI, Giovanni. Il quartiere che (si) distingue. Un

- caso di «gentrification» a Torino. **Studi culturali**, n. 1, p. 83-107, 2004.
- SOGGIU, Andrea. Gli spazi LGBTIA a Milano. **Tese de doutorado na Universidade de Pádua**, 2015. Disponível em: <http://paduaresearch.cab.unipd.it/8983/>. Acesso em: 10 abril 2020.
- STOCK, Mathis. L'hypothèse de l'habiter poly-topique : pratiquer les lieux géographiques dans les sociétés à individus mobiles. **EspacesTemps.net**, 2006. Disponível em: <https://www.espacestems.net/articles/hypothese-habiter-polytopique/>. Acesso em: 15 outubro 2020.
- WORLD TOURISM ORGANIZATION. Affiliate Members Global Reports, Volume fifteen – **Second Global Report on LGBT Tourism**, Madrid: UNWTO, 2017. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284418619>. Acesso em: 7 junho 2020.
- ZUKIN, Sharon; TRUJILLO, Valerie; FRASE, Peter; JACKSON, Danielle; RECUBER, Tim; WALKER, Abraham. New Retail Capital and Neighborhood Change: Boutiques and Gentrification in New York City. **City & Community**, v.8, n. 1, p. 47-64, 2009. ■

Giuliana Costa é “Associate Professor” em Sociologia no Politécnico de Milão, onde ensina “Análise Social e Urbana” e “Políticas Habitacionais”. Ela faz parte do Departamento de Arquitetura e Estudos Urbanos (DASTU) e é membro do Laboratório de Políticas Sociais (LPS). Seus interesses de pesquisa estão relacionados aos fenômenos de transformação urbana e às políticas de welfare a nível local, nacional e internacional. giuliana.costa@polimi.it

Andrea Barcellesi é um “Urban Planner Junior” graduado no Politécnico de Milão.